

FICHA TÉCNICA

Título: *Prestuplénie i Nakazánie*

Autor: *Fiódor Dostoiévski*

Tradução © Editorial Presença, Lisboa, 2001

Tradução: *Nina Guerra e Filipe Guerra*

Composição, impressão e acabamento: *Multitipo — Artes Gráficas, Lda.*

1.ª edição, Lisboa, Março, 2001

Reimpressão, Lisboa, ???, 2020

Depósito legal n.º 311 043/10

Reservados todos os direitos
desta edição à

EDITORIAL PRESENÇA

Estrada das Palmeiras, 59

Queluz de Baixo

2730-132 BARCARENA

info@presenca.pt

www.presenca.pt

CRIME E CASTIGO

Introdução

Escrito entre 1865 e 1866, o romance foi publicado pela primeira vez em 1866 na revista literária *Rússki Véstnik* («Mensageiro Russo») e, no ano seguinte, como livro, com modificações e algumas emendas de estilo. No entanto, as primeiras ideias relativamente ao argumento desta obra surgiram ao escritor ainda em 1863, comportando várias linhas de enredo. Já em 1864, saiu do prelo a novela *Cadernos do Subterrâneo* com o seu solitário herói individualista, mergulhado na sua ideia e impotente perante a verdadeira vida; em 1865, Dostoiévski planeou um romance que ia intitular «Os Bebedolas», romance que não chegou a ser escrito mas de onde nasceu a personagem do desgraçado alcoólico Marmeládov e a tragédia da sua família. Ainda antes, nas suas obras dos anos 40 e 60 (*Gente Pobre*, de 1846, *Humilhados e Ofendidos*, de 1861, e muitos contos e novelas), o escritor fala da vida degradante da população mais pauperizada de Petersburgo. E encontramos uma análise da psicologia do criminoso no livro *Cadernos da Casa Morta*, de 1860.

Se o projecto inicial (em Agosto de 1865) foi uma novela que o escritor caracterizava como «um retrato psicológico de um crime», em forma de «uma confissão» da personagem central e escrito, por conseguinte, na primeira pessoa, no processo do trabalho, abrangendo material muito mais amplo, o futuro livro ampliou-se e transformou-se num romance de muitas personagens e vários enredos. Assim, em Novembro de 1865, Dostoiévski destrói os seus rascunhos da nova obra e começa de novo: o plano, a forma, os nomes e as personalidades das personagens, a sequência dos acontecimentos mudaram. Surgem novas personagens: Marmeládov, Sónia, o juiz de instrução Porfíri.

Na revista, o romance publicava-se por partes, à medida que Dostoiévski o escrevia. O trabalho foi muito tenso: pelo testemunho de Anna Dostoiévskaja

(Snítkina), mulher do escritor que estenografava o que ele ditava, a última parte do romance, cerca de sete cadernos, foi criada em quatro semanas. A maior angústia de Dostoiévski, neste regime tenso de trabalho, era a impossibilidade de introduzir as emendas que achava necessárias. Acontecia repetidamente que só mais tarde, nas edições posteriores, corrigia o seu texto. Ao mesmo tempo, era por vezes obrigado às correções impostas pelo editor. Este, por exemplo, viu no romance «sinais de niilismo», ou seja, falta de demarcação nítida entre o bem e o mal na cena da leitura do Evangelho por Sónia, e obrigou o escritor a fazer cortes indesejáveis. Essas tristes situações não eram raras na vida de Dostoiévski, e uma das mais tristes viria a acontecer com o seu romance Demónios (1871-1872) quando acabou por arrancar do livro uma parte que pareceu indecente ao editor, a confissão do crime de pedofilia perpetrado pelo personagem Stavróguin.

É impressionante a envergadura do material que o escritor utiliza na criação da sua história. Encontramos aqui uma pormenorizada descrição de uma sombria Petersburgo com os seus prédios de aluguer, abrigos da mais desprotegida população da cidade — escadas escuras e imundas, quartos que mais parecem armários, penúria, frio, miséria, e do asqueroso ambiente das ruas em que se acumulam tabernas e prostíbulos. Note-se que as belezas da majestosa capital com os seus palácios e as cúpulas reluzentes das catedrais só aparecem de passagem, relampejando aos olhos do exausto Raskólnikov enquanto vagueia pelas ruas. A descrição é minuciosa, todos os percursos e distâncias são verificados até ao centímetro, os prédios, os restaurantes, os apartamentos são de tal modo reais que «a casa de Raskólnikov», «a casa de Sónia Marmeládova» ou a da velha agiota são facilmente identificáveis e ainda existem hoje. O escritor gosta do pormenor, capta-o em tudo o que vê na vida. Quando Anna Snítkina viu pela primeira vez o prédio onde morava Dostoiévski, reconheceu de imediato a casa de Raskólnikov, porque acabara de ler os primeiros capítulos de *Crime e Castigo* publicados, e quando entrou na casa do escritor viu de imediato, nos ombros da criada, o famoso lenço verde, tesouro da família Marmeládov.

A paisagem urbana criada por Dostoiévski é uma paisagem psicológica, e não uma mera descrição, ela reproduz geralmente o estado doentio do herói, funde-se com este estado e combina-se perfeitamente com o estilo nervoso, tenso e irregular da escrita.

O escritor era sempre muito atento aos acontecimentos, problemas e ideias actuais, lia não só artigos sociológicos, políticos e filosóficos, mas também as crónicas policiais dos jornais. A imprensa da época falava da propagação das casas de usura e do crescimento da delinquência, fenómenos ligados ao aumento da miséria nas cidades.

Dostoiévski estava a par de, pelo menos, dois casos em que as circunstâncias se assemelhavam muito às do crime do seu herói, e também da polémica levantada à volta do problema da psicologia do delinquente e das condições sociais capazes de instigar o indivíduo a cometer um crime. Com o seu romance, Dostoiévski exprimiu o seu próprio ponto de vista no âmbito desta polémica.

Respondendo aos sociólogos socialistas que opinavam que a civilização moderna criava opressão, miséria e, daqui, o crime, Dostoiévski discorda deles na compreensão das causas dessas desgraças e das vias da sua superação.

Os problemas do protesto e do crime juntaram-se, no romance, num complexo único de problemas. E, com eles, o conceito da «personalidade forte». Dostoiévski faz uma análise crítica do individualismo burguês em associação com o desdouramento da figura de Napoleão Bonaparte, ideal dos propagandistas da ideia da «personalidade forte», à qual tudo é permitido.

O fiasco de Raskólnikov que falhou na sua «experiência» não é resultado das circunstâncias e azares, mas do processo dialéctico em confronto na sua alma, do embate entre o bem e o mal: sensível ao sofrimento humano, generoso e honesto em relação às pessoas desprotegidas que o rodeiam, ao fazer uma tentativa de resolver tudo, à maneira de um «super-homem» — ou seja, ignorando as normas morais e cometendo um «pequeno» acto criminoso em prol da futura felicidade dos humilhados e ofendidos —, descobre o drama do isolamento, da solidão, da impossibilidade da convivência humana. Contra toda a lógica da teoria que criou para si próprio, depois do acto criminoso cometido com êxito sente-se incapaz, sente repugnância em aproveitar os seus frutos para o bem comum e para a sua futura actividade útil.

A ideia individualista de Raskólnikov e o crime que decorreu desta ideia põem-no na situação de ruptura com tudo o que é humano; a sua consciência sugere-lhe que pertence agora à mesma laia dos canalhas por ele odiados — o depravado Svidrigáilov, o desavergonhado carreirista Lújin, a cruel agiota Aliona Ivánovna.

Para Dostoiévski, a única salvação possível para um indivíduo como Raskólnikov é a ressurreição moral através do sentimento de unidade com outras pessoas, o trabalho e o sofrimento, o arrependimento e a recuperação da lei moral — Dostoiévski vê a fonte desta lei no sentimento moral do povo, próxima, na sua interpretação, da ética evangélica.

E aqui surge a questão da justiça. Raskólnikov alega a justiça e luta por ela na sua teoria e nos seus actos, e o seu caminho é a perdição. A desgraçada Katerina Ivánovna também exige justiça, acusa tudo e todos,

e não só não atenua, mas antes agrava a situação, dela própria, dos filhos e do marido, destrói a vida da enteada Sónia. Convencida de que tem razão, não deixa de procurar culpados da sua vida terrível e vive num estado de permanente raiva, irritação, agressividade. No entanto, Sónia, no seu grande martírio, não procura culpados nem culpabiliza ninguém — não deseja ter razão nem torturar com acusações os seres amados. E a quase incrível resignação da mais fraca e desprotegida criatura oferece-lhe, contra toda a lógica racionalista, uma capacidade de resistência e, afinal, a confiança e o amor das pessoas. No epílogo, Sónia torna-se protectora de toda uma prisão siberiana: os grilhetas, homens grosseiros condenados a trabalhos forçados pelos mais terríveis crimes, vêem nesta frágil e pacata rapariga a sua consoladora, o seu apoio.

A personagem de Sónia Marmeládova é uma entre as figuras femininas e masculinas que encontramos em várias obras do escritor — pessoas mansas, pacientes, prontas para o sacrifício e que obtêm a sua única força na fé e no amor: Aliocha Karamázov em Os Irmãos Karamázov, Dachá Chátova em Demónios, o príncipe Míchkin em O Idiota. São pessoas em quem Dostoiévski deposita a sua esperança da salvação neste mundo cruel — a junção com Deus Vivo que abre os verdadeiros caminhos para a alma humana.

Logo depois da publicação das primeiras partes de *Crime e Castigo*, a reacção do público leitor e da crítica literária foi muito forte, desde os grandes elogios até à indignação e revolta. No jornal *Gólos* («A Voz») apareceu um artigo que admirava a impressionante veracidade e a minuciosidade da narração que permitia ao leitor viver todas as peripécias deste drama, com todas as suas sinuosidades psicológicas, juntamente com as personagens. No entanto, a revista *Sovreménnik* («O Contemporâneo»), órgão dos democratas revolucionários, interpretou o romance como um ataque contra a juventude estudantil e como raiva contra os movimentos progressistas contemporâneos, insistindo em que Dostoiévski generalizou o caso pontual de um crime, solidarizando-se nisso com as autoridades reaccionárias na sua perseguição da juventude progressista.

Ainda mais curioso é que, entre o público leitor, sobretudo na província, começaram a correr boatos de que a análise profunda do crime descrito no romance provinha supostamente do facto de que o próprio escritor cometera o mesmo crime!*

* Por mais absurdo que pareça, semelhante ponto de vista não é raridade. Os mexericos perseguiram Dostoiévski durante toda a sua vida e após a sua morte, e surgiam não só entre o público semiculto, mas também nos salões da sociedade intelectual. Um dos mais conhecidos exemplos dos boatos que manchavam a sua reputação e que, a propósito, se baseavam no mesmo pressuposto (o de que não é

Até hoje, este romance de Dostoiévski é um dos mais lidos no mundo. Os estudos e análises sobre esta obra já constituem uma literatura de centenas, se não de milhares, de volumes. A primeira tradução, embora de apenas uma pequena parte, deste romance foi feita, para a língua francesa, logo em 1867. Desde então apareceram numerosas traduções em, praticamente, todas as línguas do mundo.

Os Tradutores

possível descrever um crime com tanta veracidade sem ter tido antes a mesma experiência) era a acusação contra Dostoiévski do crime de pedofilia. A pudica sociedade sentia-se escandalizada porque o escritor se atreveu a escrever e, pior ainda, a falar nos salões sobre o tema «indecente». O boato acusatório ganhou força, sobretudo, quando Dostoiévski escreveu o seu *Demónios* com a «confissão de Stavróguin». Apesar de todos os protestos da sua família e amigos, apesar de que Lev Tolstói, ao receber uma carta contendo invectivas deste género contra Dostoiévski, rejeitou o boato, a fábula não morreu e ganhou uma vida nova quando, em 1922, no Arquivo Central de Moscovo, foi aberta a caixa com manuscritos do escritor e tiraram dela o da «confissão de Stavróguin», a parte não publicada de *Demónios*: os amantes das descobertas sensacionais manifestaram o seu horror, apresentando este texto como uma inesperada confissão do próprio escritor. Na verdade, nada havia ali de inesperado e sensacional: a história da não publicação desta parte do romance era conhecida, além de que Dostoiévski fala do mesmo tema em várias obras desde o seu primeiro romance, *Gente Pobre*. O único escritor que se atreveu a levantar um gravíssimo problema social e que não só nos seus romances e artigos, mas também na sua actividade social defendia crianças e mulheres da violência tornou-se, ele próprio, vítima da mais escabrosa acusação. Até hoje o boato não perdeu a sua popularidade, satisfazendo os gostos dos leitores de tablóides e inspirando, mesmo, certos autores de biografias sensacionalistas. Em geral, há sempre público que adora estas coisas: pelos vistos, é agradável sentir que um génio pode ser um canalha, muito pior do que nós, pobres coitados. Pelos vistos, foi esta a razão que, em 2012, levou os editores de uma nova tradução de *Os Irmãos Karamázov* a acrescentar um «posfácio», ou seja, um artigo do doutor Sigmund Freud, artigo que caracteriza Fiódor Dostoiévski como hipócrita, retrógrado, pedófilo, sadomasoquista, parricida potencial e, em suma, escritor a quem «o futuro cultural da humanidade pouco ficará a dever».

PRIMEIRA PARTE

1

Ao entardecer de um dia muito quente de inícios de Julho, um jovem saiu do cubículo que subalugara na ruela S... e pôs-se a caminhar lentamente, como que indeciso, na direcção da ponte K...

Foi sorte ter evitado o encontro com a senhoria nas escadas. O cubículo era na água-furtada de um prédio alto, de quatro andares, e parecia mais um armário do que uma habitação. Pois bem, a senhoria que lhe subalugara o cubículo, com almoço e serviço incluídos, ocupava o andar situado um lanço de escadas abaixo e, sempre que acontecia o jovem sair para a rua, era inevitável passar ao lado da cozinha dela, com a porta quase sempre escancarada para o patamar. De cada vez que passava diante daquela porta, o rapaz tinha uma sensação cobarde e malsã que o envergonhava, e franzia a cara. Devia muito à senhoria, receava dar de caras com ela.

Não por ser pusilânime e estar intimidado, pelo contrário; mas havia uns tempos que andava assim, num estado tenso, irritável, como na hipochondria. De tal modo se ensimesmara e isolara de toda a gente que já tinha medo de qualquer encontro, e não só com a senhoria. Pesava-lhe a pobreza, esmagava-o; contudo, até essa situação de aperto deixara de incomodá-lo, ultimamente. Deixou de tratar do dia-a-dia, nem queria pensar nesses problemas. No fundo, a senhoria não o assustava, fosse o que fosse que andava a tramar contra ele. Mas parar nas escadas, ouvir todos os disparates sobre todas as ninharias corriqueiras, de que não queria saber, todos aqueles assédios a exigir o pagamento, as ameaças, as queixas, e ainda ter de esquivar-se, desculpar-se, mentir — isso não, era melhor esgueirar-se como um gato pelas escadas, fugir sem ser visto por ninguém.

Desta vez, ao sair para a rua, até ficou espantado consigo por tanto medo de encontrar a credora.

«Quero ousar uma coisa dessas e estou com medo de ninharias! — pensava, com um sorriso estranho nos lábios. — Humm... pois...

tudo está nas mãos do homem e o homem deixa que tudo lhe fuja à frente do nariz, só por cobardia... é um axioma... Não era curioso saber do que têm mais medo as pessoas? De um passo novo, de uma palavra nova própria, é esse o maior medo delas... Aliás, palro de mais. Tagarelo, por isso não faço nada. Ou então: tagarelo porque não faço nada. Neste último mês, ganhei o hábito da tagarelice, deitado dias e noites no meu canto, a pensar... na história do rei pasmado. Porquê, para que vou lá, agora? Se ao menos for capaz de fazer *aquilo*?! Será mesmo a sério, *aquilo*? Não, não é a sério. Ando a entreter-me com uma fantasia, uma brincadeira! Sim, isto é mais uma brincadeira!»

Na rua estava um calor atroz; além do ar abafado, do aperto, por todo o lado caliça, andaimas, tijolos e o pó, e o fedor inconfundível do Verão, tão conhecido de todo o petersburguense que não tem posses para alugar uma casa de campo — tudo isso transtornou de vez e de modo muito feio os nervos já de si abalados do jovem. O cheiro insuportável das tabernas, que pululavam especialmente nesta parte da cidade, e os bêbados a cada passo, apesar de serem horas de trabalho, completavam o quadro abominável e triste. Por momentos, um sentimento de funda repugnância passou pela cara de traços finos do jovem — era um rapaz bonito, com uns admiráveis olhos escuros, cabelo ruço-escuro, estatura mais alta do que a média, magro, esbelto —; mas logo mergulhou numa espécie de cogitação profunda, ou antes, num devaneio, e continuou a andar, não reparando, nem querendo reparar, no que se passava à volta. Só de vez em quando murmurava qualquer coisa, habituado que estava a estes monólogos, coisa que acabou por confessar a si mesmo. Tinha a consciência, agora, de que os pensamentos às vezes se lhe baralhavam e de que estava muito fraco: ia no segundo dia sem comer quase nada.

Vestia-se tão miseravelmente que outro qualquer, mesmo acostumado, teria vergonha de sair para a luz do dia com farrapos assim. Embora neste bairro ninguém estranhasse a roupa de ninguém. A proximidade da praça Sennaia, a proliferação de casas de passe, uma população predominante de artífices e operários apertada nestas ruas e ruelas do interior de Petersburgo animavam às vezes o panorama geral com uns sujeitos tais que o mais estranho seria alguém estranhar a figura que aí vinha. Além disso, o rapaz tinha acumulado na alma tanto desprezo malévolos que, mau grado a sua sensibilidade jovem, a última coisa de que tinha vergonha era dos farrapos que o cobriam. A não ser que lhe aparecesse pela frente certa gente conhecida ou algum antigo companheiro com quem, regra geral, detestava encontrar-se... Entretanto passou por ele um bêbado, transportado, sabe-se lá porquê e para onde, numa carroça enorme puxada por um desses gigantesco cavalos de tiro, que lhe gritou de chofre ao cruzar-se com ele: «Ó tu, chapeleiro alemão!», berrava

e apontava para ele, a ponto de o jovem parar e deitar espasmodicamente a mão ao chapéu. Era um chapéu alto, redondo, da casa Zimmermann, mas de facto bem gasto, amarelecido, cheio de nódoas e buracos, já sem abas, descaído para o lado num ângulo ridículo. Mas não foi a vergonha, foi outro sentimento, quase um susto, que o dominou.

— Já sabia! — murmurava aflito. — Já tinha pensado nisso! É o pior de tudo! Basta uma coisinha assim, uma insignificância de nada, para estragar o plano todo! Sim, este chapéu dá muito nas vistas... É ridículo, por isso salta à vista... Com a minha roupa esfarrapada, é necessário um boné, nem que reduzido a uma panqueca e velho, em vez deste monstro. Já ninguém usa disto, nota-se à légua, vão lembrar-se dele... e o pior é repararem, lembrarem-se depois: aí está, pode ser uma prova. Nestas coisas, o essencial é passar despercebido... Os pormenores insignificantes são o essencial!... os pormenores podem deitar tudo a perder...

O caminho era curto; até já contara os passos, desde o portão do prédio onde morava: setecentos e trinta certos. Uma vez, levado ainda só por devaneios, contara os passos. Naquela altura não acreditava ainda nestes sonhos, só se acirrava a si próprio com a ousadia deles, uma ousadia feia mas sedutora. Agora, passado um mês, já via as coisas de outro modo e, apesar dos monólogos, ao fim e ao cabo irritantes, sobre a sua impotência e indecisão, habituara-se involuntariamente a encarar o sonho «feio» como uma empresa séria, ainda que continuasse a não acreditar muito em si. Pronto, ia agora fazer um *ensaio* da coisa e, a cada passo que dava, a emoção crescia dentro dele mais e mais.

Num tremor nervoso e de coração desfalecido, aproximou-se da casa, um prédio de facto enorme, cujas traseiras davam para o canal e as frentes para a rua N... O prédio compunha-se de apartamentos minúsculos onde morava toda a casta de gente — alfaiates, serralheiros, cozinheiras, vários alemães, reparigas por conta própria, pequenos funcionários e assim por diante. Pelos dois portões e pelos dois pátios do prédio era um corropio constante de gente a entrar e a sair. Só guarda-portões devia haver ali três ou quatro, e o jovem ficou contente por não se ter encontrado com nenhum deles. Deslizou, sem ser visto, do portão para as escadas, à direita. Eram as escadas «de serviço», escuras e estreitas, mas o rapaz já tinha estudado o local, conhecia tudo e agradava-lhe o ambiente: num escuro daqueles, mesmo um olhar curioso não causava perigo. «Se já agora estou com tanto medo, como seria se, por acaso, calhasse ter de fazer realmente a *coisa*?...» — passou-lhe pela cabeça ao chegar ao terceiro andar. Aqui, uns carregadores, antigos soldados, que estavam a tirar os móveis de um dos apartamentos, barraram-lhe a passagem. Já sabia que morava ali um alemão, pai de família, funcionário: «Pronto, o alemão anda em mudanças, quer

dizer que deste lado do terceiro andar, nesta escada, durante algum tempo só o apartamento da velha ficará ocupado. Ainda bem... para o que der e vier...» — pensou, ao mesmo tempo que tocava à porta da velha. Ouvia o som fraco da campainha, como se fosse de lata e não de cobre. Era assim em prédios destes, em quase todos os seus pequenos apartamentos. Já se esquecera daquele pobre retinir, que agora lhe trazia à memória, repentinamente, alguma coisa e lhe representava com nitidez... Estremeceu, estava mesmo com os nervos muito frágeis. A porta entreabriu-se numa nesga estreitinha: a velha estudava o visitante pela nesga com desconfiança ostensiva, só se lhe viam os olhinhos a brilhar no escuro. Mas sentiu mais gente no patamar, acalmou-se, abriu a porta. O jovem transpôs a entrada e viu-se no vestíbulo escuro, com uma divisória, atrás da qual ficava a cozinha minúscula. A velha estava à frente dele, calada, interrogativa. Era miudinha e seca, rondava os sessenta anos, tinha uns olhos pequenos e penetrantes, um nariz curto e aguçado, não pusera lenço na cabeça. Tinha o cabelo ainda loiro, com poucas brancas, besuntado de óleo. Em volta do pescoço fino e comprido, que lembrava uma pata de galinha, enrolara uns trapos de flanela e, apesar do calor, pendia-lhe dos ombros um casaquinho curto de pele, todo puído e amarelado. Tossicava o tempo todo e como que gania. O rapaz, pelos vistos, deve tê-la olhado de certa maneira invulgar porque, de repente, nos olhos dela se acendeu a mesma desconfiança.

— Sou Raskólnikov, estudante, estive cá há um mês — apressou-se a murmurar o jovem e, lembrando-se de que convinha mostrar-se educado, esboçou uma meia vénia.

— Eu lembro-me, meu senhor, lembro-me muito bem que estive cá — pronunciou com nitidez a velha sem descolar da cara dele os olhos inquisitivos.

— Pois bem... cá estou outra vez, para o mesmo assunto... — continuou Raskólnikov, um tanto embaraçado e estranhando a desconfiança da velha.

«Ou talvez ela seja sempre assim e da outra vez não reparei nisso» — pensou com uma sensação de desagrado.

A velha calava-se, como que a reflectir, depois afastou-se para o lado e, indicando ao visitante a porta da sala, deixou-o passar:

— Entre então, meu senhor.

A saleta para onde entrou o jovem, forrada a papel de parede amarelo, com gerânios e cortinas de musselina nas janelas, estava a esta hora bem alumada pelo sol-pôr. «*Nesse* dia, portanto, o sol será o mesmo!...» — relampejou sem querer pela mente de Raskólnikov, que passou um olhar rápido por todos os objectos da sala, para lhes estudar e fixar o melhor possível a posição. Mas nada de especial havia naquela sala. A mobília,

toda muito velha, de madeira amarela, consistia num divã de grande espaldar arqueado, numa mesa oval em frente do divã, num tremó de espelhinho entre duas janelas, em cadeiras encostadas às paredes e dois ou três quadros baratos com as molduras amarelas — figurando meninas alemãs com passarinhos nas mãos — e era tudo. Num canto, frente a um pequeno ícone, ardia uma lamparina. Estava tudo num asseio: os móveis e o chão limpos e envernizados; tudo brilhava. «Isto é trabalho da Lisaveta» — pensou o jovem. Era impossível encontrar em toda a casa a mínima partícula de pó. «Um asseio destes é próprio de viúvas velhas e más» — continuou a pensar Raskólnikov e olhou de soslaio, com curiosidade, para a cortina de chita a cobrir a porta do quarto minúsculo onde estavam a cama e a cómoda da velha e onde o jovem nunca tinha entrado. Todo o apartamento consistia nessas duas assoalhadas.

— O que deseja? — pronunciou severamente a velha ao entrar na sala, indo pôr-se bem diante dele, como antes, para o olhar a direito na cara.

— Trouxe isto para empenhar! — E tirou do bolso um velho relógio achatado, de prata, com um globo terrestre gravado no verso. A corrente era de aço.

— Só que o prazo do outro já expirou. Fez anteontem um mês.

— Pago-lhe mais um mês de juros, tenha paciência.

— Isso depende de mim, meu senhor: ou tenho paciência ou vendo já essa sua coisa.

— E quanto me dá pelo relógio, Aliona Ivánovna?

— Só me traz bugigangas que não valem nada, meu senhor. Da outra vez dei-lhe duas notinhas pelo anel e olhe que no ourives eu bem podia arranjar um igual, novo, por um rublo e meio.

— Dê-me ao menos quatro rublos por ele, que eu levanto-o de certeza, era do meu pai. Vou receber dinheiro em breve.

— Rublo e meio, e os juros à cabeça, se quiser.

— Rublo e meio! — exclamou rapaz.

— É para quem quer. — E a velha devolveu-lhe o relógio. O jovem pegou nele e, de tão indignado, quis logo sair; mas repensou, lembrando-se que não tinha outra porta onde bater e que tinha ido ali com outro propósito.

— Passe para cá! — disse com brusquidão grosseira.

A velha meteu a mão no bolso à procura das chaves e entrou no quarto tapado pela cortina. O jovem, sozinho na sala, aguçou o ouvido curioso e pôs-se a pensar. Ouviu o barulho da velha a abrir a cómoda. «Pelos vistos, a gaveta de cima — deitou-se a adivinhar. — Portanto, mete as chaves no bolso direito... Todas num molho, numa argola de ferro... Uma delas é três vezes maior que as outras, com o palhetão dentado, de certeza que não é a da cómoda... Portanto, deve haver mais

qualquer coisa, uma caixa ou um baú... Interessante... Os baús é que têm sempre chaves dessas... Aliás, tudo isto é tão repugnante...»

A velha voltou.

— Aqui tem, meu senhor: a dez copeques mensais por cada rublo, faz quinze copeques, mais vinte copeques pelos dois rublos da outra vez, pelas mesmas contas. Tudo somado são trinta e cinco. Descontados, recebe então, pelo seu relógio, um rublo e quinze. Faça favor.

— Como?! Agora já é um rublo e quinze?

— Exactamente.

O jovem não quis discutir e aceitou o dinheiro. Olhava para a velha e não arredava pé, como se ainda tivesse mais alguma coisa a dizer ou a fazer, mas nem ele próprio soubesse precisamente o quê...

— Por estes dias, Aliona Ivánovna, talvez lhe traga mais uma coisinha... de prata... coisa fina... uma cigarreira... quando um amigo meu ma devolver... — Atrapalhou-se e calou-se.

— Nessa altura falamos, meu senhor.

— Então, adeus... Está sempre sozinha em casa? A sua mana não está? — perguntou ao sair para o vestíbulo, tentando parecer o mais natural possível.

— O que tem a ver com a minha irmã, meu senhor?

— Nada, perguntei por perguntar. A senhora começa logo... Adeus, Aliona Ivánovna!

Raskólnikov estava muito perturbado quando saiu. Perturbação que ia crescendo. Até parou várias vezes, ao descer as escadas, como que espantado repentinamente com qualquer coisa. Já na rua, exclamou:

«Meu Deus, que nojo é isto tudo! Mas eu... será que eu... não, absurdo, é um disparate! — cortou decididamente. — Como me pode ter passado este horror pela cabeça? Francamente, que sujeiras o meu coração é capaz de conceber! Porque é um facto: isto é sujo, é baixo, é um nojo, um nojo!... E eu, durante um mês inteiro...»

Não conseguia exprimir a emoção, nem por palavras, nem por exclamações. O sentimento de repugnância infinita que já começara antes a apertar-lhe e a enojar-lhe o coração, quando se dirigia para casa da velha, atingia-o agora com tanta nitidez e a um ponto tão alto que não atinava como fugir daquele horror. Seguindo pelo passeio como um bêbado, sem atentar nos passantes e esbarrando contra eles, só voltou a si já noutra rua. Pôs-se a olhar à volta e viu que estava mesmo ao lado de uma taberna, com entrada logo ao rés do passeio e escadas para a cave. Nesse preciso momento saíam da porta dois bêbados que, apoiando-se e insultando-se um ao outro, trepavam para a rua. Sem pensar duas vezes, Raskólnikov desceu à cave. Nunca entrara em antros destes, mas agora precisava, acometiam-no vertigens e sofria de uma sede abrasadora.

Apetecia-lhe cerveja fria, tanto mais que atribuía à fome a sua fraqueza súbita. Sentou-se num canto escuro e sujo, a uma mesa peganhenta, pediu cerveja e bebeu sofregamente o primeiro copo. Foi logo um alívio, aclararam-se-lhe as ideias. «É tudo um disparate — disse de si para si, com esperança —, não havia motivos para ficar tão perturbado! Uma simples indisposição física! Basta um copo de cerveja, um bocado de pão seco — e pronto, a mente fica sólida, o pensamento aclara-se, os projetos consolidam-se! Que nojo! Que coisa mais reles, isso tudo!...» Apesar desta cuspidela de desprezo, porém, já encarava as coisas alegremente, como quem se livrou de um peso, e, amistoso, olhava em volta para os presentes. Embora, vagamente, pressentisse que essa sensibilidade de apanhar as coisas todas pelo lado bom também era doentia.

A esta hora estava pouca gente na taberna. Atrás dos dois bêbados que vira na escada saiu mais um grupo de cinco, com uma rapariga e uma concertina, e logo tudo se tornou mais calmo e espaçoso. Ficaram: um tipo de grão na asa, mas pouco, com a cerveja à frente, pelo aspecto um popular¹; o companheiro dele era um gordo enorme, de cafetã curto e barba grisalha, bastante bêbado, esse, a dormir no banco e, de vez em quando, como se acordasse meio azamboado, abria os braços, estalava os dedos e saltitava só com o tronco, sem se levantar, e punha-se a cantarolar coisas sem nexos, esforçando-se por se lembrar da letra, do género:

*Um a-no in-teiro a mi-mar a mu-lher,
Um ano inteiro a mimar a mulher...*

Ou repentino, outra vez acordado:

*Andou pela Podiátcheskaia,
Encontrou a sua velha amiga...*

Ninguém partilhava da sua felicidade; o calado companheiro até olhava para aquelas explosões com alguma hostilidade e desconfiança. Estava na sala outro freguês, um homem com certo ar de funcionário demitido. Apartado de todos, sentado com a garrafinha à frente, dava um gole de vez em quando e olhava à volta. Também esse estava, ao que parecia, um tanto emocionado.

¹ Na sociedade russa do século XIX, muitíssimo estratificada, o termo «popular» (na tradução aqui adoptada) corresponde genericamente a «plebeu», ou seja, «não nobre». Note-se que é, juntamente com os camponeses (mujiques), a classe mais baixa. Os funcionários, mesmo os de escalão inferior, já tinham um dos muitos graus honoríficos em que se dividia a sociedade russa. (NT)